

João de Melo  
O MEU MUNDO  
NÃO É DESTE REINO

Romance

8.<sup>a</sup> edição  
revista e reescrita pelo autor





NAQUELE TEMPO, A FREGUESIA DE NOSSA  
SENHORA DO ROZÁRIO NÃO ERA MAIS DO QUE UMA  
CAGANITA DE MOSCA, À QUAL SE APONTASSE UM DEDO

acima do dorso quase sempre verdoso do oceano Atlântico. A memória dos povoadores escorria ainda do basalto das calçadas e dos musgos marinhos. Com tectos de colmo e adobes de uma argamassa em tudo semelhante ao barro amassado em sangue, as casas encardidas do litoral desciam em três fiadas até ao fundo do vale. Aí se enlaçavam umas nas outras, ao longo de canadas tortuosas, através das quais seria milagre a passagem de uma junta de bois atrelada ao tiro das carroças. Os primeiros machos haviam sido domesticados à força, uns pelo açaimo, outros pela castração, e carregavam agora em osso escassas moendas de milho e fava, com destino às azenhas da Achada e da Salga. Tinham um olhar mole e aflito, o de toda a natureza condenada à servidão dos homens. A sua heróica e húmida tristeza animal não tardaria a colar-se à parede das coisas. E, colada enfim à parede das coisas, progrediu na sua humidade, atravessou a respiração das pedras e começou a devorar a paisagem. Estava a paisagem a ser assim devorada, quando essa tristeza chegou também à boca

das pessoas e largou-lhes no hálito o cheiro branco e puro da saliva. As mulheres começavam então a ler a Bíblia, tão velozes nos gestos como as abelhas em redor da última flor de laranjeira. Segundo elas, aproximava-se a hora da destruição total do mundo. Das suas magríssimas mãos cor-de-frio escorria o suor pálido do Apocalipse. Quem, de resto, observasse o modo como o ventre delas tremia de medo e aflição, não deixaria de suspeitar que elas, as tão belas e amadas mulheres recebiam na carne não apenas o terror da morte, mas sobretudo o destino vulcânico da terra. Receberam-no, com toda a certeza, no momento inicial da criação do mundo, quando as águas do mar e da terra entraram para sempre nos dias do desespero. Não sabem o que é o Desespero? É a

### MORTE NUMEROSA

a miúda, imemorial e numerosa morte da alma, sem contar com a do corpo; a voz cálida, peregrina e imensa da morte ausente e anunciada que em nós regressa aos lugares remotos e aos abismos de origem desconhecida. Ela desperta, ela voa dispersa e numerosa, e está dentro de nós e dos outros, e só desse modo existe. Conheci assim o desespero:

Era no tempo em que as pedras tinham a configuração e o tamanho de ovos de dinossauro. Os esqueletos dos pequenos bichos, até então dados por extintos, eram desenterrados do seio dos búzios e dos fósseis rochosos. Tudo ali mantinha ainda o selo remoto e perpétuo da água, pois as próprias crateras vulcânicas, habitadas por ninhos de murganhos e de salamandras, apresentavam as arestas limadas pelo torno das grandes chuvas, datando todas elas do tempo do patriarca Noé. Os atalhos, as barreiras, as falésias e os baixios da costa marítima, e mesmo o perfil dos penedos sem memória, inscreviam-se na ossada e no corpo daquela

terra-Ilha, como se alguém com eles tivesse boleado a sua incerta e descontínua superfície. Quanto aos seres e às coisas, repousavam esquecidos dentro do útero da insónia, sem passado nem história, simples criaturas vigiadas até à nudez cadaverosa e fria da natureza e do mundo.

Passara já mais de um século sobre o descobrimento da Ilha, quando a grande cratera vulcânica da região recebeu os primeiros nómadas do mar – vindos na frente das trabuzanas e dos temporais e enfiando terra dentro com as goelas secas pelos muitos gritos e pedidos de socorro. Quando ali chegaram, não eram mais do que gente faminta, muito rasgada, que perdera a memória dos lugares de onde provinham, para logo se agradar daquela terra-nova de salvação a que eles chegavam agora como náufragos. Um dia, guiados pelo altivo capitão Diogo Deniz Faria de Paes, homem sabiamente enviado de el-Rei e dos Infantes na demanda das longes paragens de Deus e dos bispos, pisaram as pedras do Pesqueiro, instalaram-se em tendas e furnas, formando em cunha contra os ventos, e ali fundaram a freguesia.

Suposto é, porém, que a sorte de tal gente houvesse de ficar escrita de modo perene no próprio basalto, porquanto a memória das pedras resiste ao tempo de duração das pedras. A forma das rochas batidas pelo mar e pelos ventos, as linhas e as corcovas da terra, com os seus outeiros suaves, os seus promontórios e falésias costeiras, e mesmo a sonatina das ondas, dissimulavam uma certa voz longínqua e com segredo de búzio dentro – e a montanha tanto se descarnara ao alto que o seu perfil torcido tomara a fisionomia caprichosa de um gigante, cujo rosto se fixara à pedra com um esgar de cólera e espanto. Havia um deus por dentro dela, dessa montanha. Um negro e oculto deus montanhês que, por vezes, vomitava cinzas, pedras e areias incandescentes,

e ei-lo a rugir com um tal assombro que a própria paisagem, antes de ser devorada pelo desespero, tremia de pânico ante a iminência da sua destruição. Os avisados mestres da navegação, dotados de bastos dias e de temperada prudência, ordenaram que se fincassem estacas e guaritas, coisas essas bem toscas de se ver à distância, de sorte a ficarem sob guarda e vigia nos quatro cantos do acampamento. Sentinelas de viseira, armadas de lanças, arcos e longos ferros sabres, entretiveram as noites a recordar os graúdos sucessos dos nossos, para assim quedarem despertas e sem sono. Temiam o montanhês e esperavam a investida dos bárbaros ou dos corsários e piratas, caso os houvesse por aquelas paragens. Mas como não os vissem, nem outra qualquer gente deste mundo, passaram então a escutar os silêncios, os sinais e as frias e húmidas madrugadas da paisagem pouco a pouco devorada. Ementes isto, o altivo capitão dos mares desbravava matas e ribeiras em redor, muito crente de achar outros homens e animais perdidos no outro lado do silêncio. Partia e chegava com grande desespero na voz. O nevoeiro o levava, o nevoeiro o trazia, e com ele jamais regressavam novas algumas das coisas que em vão buscava. Nos sítios de passagem, descobriu as árvores da faia, do cedro e do vinhático, os grandes ovos de dinossauro das pedras que jaziam entre o tamujo, os fetos e a urze. Errou por matas e inhamais, de um lado ao outro da Ilha, comeu poejo e talos de funcho, lavou o suor nas sôfregas águas do mato e, por fim, pôs-se a morrer. Ao sétimo dia, inventou a morte amarela. Mandou então aos seus que o abandonassem e se pusessem de regresso aos que esperavam notícia de algum achamento de gente ou sinais dela. Trouxeram-no de padiola, com a face muito barbada e a espinha assaz dorida, mordido pelas larvas e pelos bichos da morte que começara já a matá-lo. Não cuidou de nenhum repouso para tais fadigas. Reunindo à pressa a sua pobre gente, de quem

ouvia lástimas e queixumes, assim lhe falou dizendo que morria por vontade de Deus Nosso Senhor e dos mares, e ao Seu leal serviço – e deste modo o deixou escrito para bom entendimento de quem isto lesse um dia:

*... e pous sendo o dito capitom muy maravilhado de veer a region de ua tamanha fermesura, leixou seos olhos grã tempo perdudos em montes e valles, con muyto e bom comprazimento seo. E logo mandou que houvesse nome de Achadinha, por estar em um plano alto, rocha acima sobre o mar; e por seer cousa de achamento na ora triste que ahi chegavom; e que foosse d'ella padroeira Nossa Señora do Rozário, Mãe de sua devoçom. Ca houverom em grã querença o salvamento dos aleivosos mares, de guiza tal que o capitom, e cõn elle homens e suas molheres, cuidou de orar a Deos por uma tã grande mercê. Como non receberom danno algùn de tan desvairada viage, e non lhes minguando a fee nas cousas da terra, assentaron de alli ficar até que a Providencia do Céu lhes houvesse de dar algum meyo de regresso aa Pátria. Sendo as galeras destruídas, e havendo mister de construir outras cõn igual ingenho, assí prouverom de o fazer cõn arte e imaginaçom, se tal inda foosse na voontade das gentes que cõn elle, capitom, estavom. Entonce lhe rogarom as molheres que d'ellas e dos filhos houvesse isto no seo entendimento: que commo perdido haviam algúns dos seos nas desventuras e desastres do mar, já non tiinham na voontade de partir im demanda das estranhas cousas e terras a que por El-Rey iam mandados; que elle, capitom, se apiedasse da door que soffriam e alli assentasse de veez a nova morada – e assí mesmo todos entenderam e por seo bem prouverom de o fazer.*

Tal como as aves se despem dos ovos quando maduros, assim eles abriram os seus buracos no chão, como os dos bichos, e fizeram círculo em redor do fogo para se aquecerem e melhor pensarem. Primeiro, sepultaram o corpo de Diogo Paes, o seu

altivo capitão dos mares, de quem lavraram memória numa laje de basalto:

*AQUI REPOUZA QUEM Û SOO TEMOR  
ENCONTROU NA VIDA:  
DEOS!  
AQUELLE MESMO QUE A Û SOO AMOR  
SERVIU N'ELLA:  
A PÁTRIA!*

Em seguida, foram banhar-se na lóbrega água das crateras. Viram de que lado nasciam o sol, as estrelas e a chuva, e logo recuperaram o tempo a partir dos toscos relógios de areia das infusas. Depois, cortaram árvores de pequeno porte e talharam a madeira com podões feitos de lava arrefecida. Abrindo espaços em volta, guiaram a água para as primeiras hortas, e assim percorreram os seis dias da criação do mundo. Ao sétimo, tal como o fizera Deus, lavaram o suor dos primeiros dias, comeram pão ázimo com peixes azuis e frutos das figueiras e foram à procura do corpo ardente das suas mulheres. Ao beber o néctar amoroso dessa noite, comeram a maçã do paraíso, amaram a serpente sem olhar, receberam a mordedura da sua saliva e não mais quiseram saber se tal veneno era também o vinho dos mortos. Apenas tinham a certeza de ser novamente filhos dos homens, capazes de crescer e se multiplicar como os dias.

\*

Por essa altura, eram as estradas umas estranhas veredas por onde iam e vinham os almocreves mais afoitos à travessia das serras, os quais cortavam a mato na direcção das ralas povoações do litoral. Chegavam pelo tempo das colheitas e arrastavam pela

arreata mulas e burricos, cujo trote fazia estremecer o pau-a-pique das casas. Os seus gritos, enrouquecidos pela poeira dos caminhos, ofereciam objectos fantásticos em troca dos produtos da terra. Eram chocalhos e cascavéis, e cutelos, e espelhos de água, e sandálias e tecidos; eram louças de barro luzindo ao sopro, e infusas de licor e cachaça com galeões fundeados nos corais; e cordas e sachos de um só dente; e, por vezes, eles liam aos povoados textos régios, escritos sobre pele de carneiro, que continham obscuros dizeres ou ordenações em forma de decreto; outras vezes, cantavam feitos e factos de amor e morte, em geral desgraças anónimas mas com mar e navio no poema; e a voz deles vinha tão carregada de sal e areia que se enchera de palpitações vocais, dando notícias do outro lado da Ilha e de todas as partes do mundo que ficava para além dos mares e dos ventos e de toda a mastreação errante. Em troca da presteza infinita dos seus objectos, do seu riso e das suas canções de mar, recebiam as novidades da terra e partiam depois carregados de encomendas. Veio, por exemplo, um homem e disse: Tragam-me dois bois no valor de uma moeda, malhados e com uma estrela de cinco vértices na testa. E veio outro homem e disse: Para mim, um cavalo com sela de cotim debruado a ourela. E um outro veio também e disse: Quero uma rede de pescar moreias e cobras-marinhas e um batel de chata para cavar a água grossa dos chicharros e da albacora. E depois uma mulher muito feia, que cheirava vagamente a uma substância ainda não inventada, a lixívia, pediu-lhe três medidas de petróleo, duas caixinhas de unguento para as ínguas, uma lata de rapé e uma panela para assar feijão e mogango. De sorte que, quando aqueles mesmos estranhos regressaram de nova viagem, traziam as mulas atreladas às carroças e os burros ajoujados ao peso de grandes taleigos e de indecifráveis encomendas e mercadorias.

No dia em que ali chegaram os bezerros, os bois, os cavalos e as cabras em manada, a freguesia inteira saiu ao caminho e foi esperar os almocreves em pé de grande festa. Levantaram-se todos os ruídos. Havia vinho e pão doce em cada porta para esses homens fatigados de não terem dormido pelo caminho, de nunca terem adormecido numa cama aquecida, abraçados a uma mulher, cujo corpo cheirasse a erva, à água das ribeiras ou à lama da serra. A voz deles entrou para sempre na memória do povo, que ali os esperava desde o princípio do mundo. As mulheres lavaram-lhes os pés com água de cedro e deram-lhes a beber chá de poejo e copinhos de licor de maracujá, ao passo que os homens recebiam as reses e choravam de emoção, pensando que o melhor da vida consistia em receber os novos forasteiros e ver que as mulheres os amavam tão ferozmente quanto eles choravam de alegria perante a chegada dos novos animais.

À entrada do Inverno seguinte, porém, deixaram inexplicavelmente de receber a visita dos almocreves. A freguesia voltou a ficar isolada do resto do mundo. Nunca souberam explicar a razão do desaparecimento dos pregoeiros, quando era certo serem os homens mais desejados daquela terra. Coincidindo com esse isolamento, sobreveio o maior temporal de que há memória na história da Ilha. Começou o mar a pôr-se de pé às primeiras horas do dia, e não tardou a ficar completamente branco e a ferver como se tivesse o ventre incendiado pela pólvora. A meio da manhã, já ele devorava a fímbria mais baixa da costa. Dentes de água, os prodigiosos dentes do mar que tudo destrói, arrancavam pedregulhos da altura de montanhas e levaram grandes porções de terra a boiar pelo mar fora até os afundarem ao largo. Depois, vieram o vento e a chuva. Ao longo de sete dias, vento e chuva anunciaram o dilúvio, e a alguém ocorreu a ideia de reconstruírem a secular Arca de Noé. Então, um homem velho, usando da

infinita sabedoria e a idade do mundo, convenceu-os da inutilidade dessa operação.

– É preciso compreender a Bíblia através dos símbolos, disse ele.

Tendo apontado o olhar nebuloso ao interior da névoa que encobria a paisagem, pediu-lhes que se servissem da imaginação e tentassem vislumbrar o perfil da grande montanha que corria em cordilheira ao cimo e ao longo de toda a Ilha:

– Há um deus antigo por dentro do gigante montanhês – afirmou ele com a inolvidável convicção dos velhos. – O deus montanhês, o sábio deus da terra, que permanece nas alturas há séculos sem conta. Enquanto ele ali estiver, estaremos seguros da sua protecção. Confiai-vos à sua guarda.

Com efeito, um dia depois, a chuva cessou por completo e o mar começou a regressar, de hora para hora, ao seu lugar de origem. Em vez do temporal da véspera, erguia-se uma calma gordurosa que iluminava o dia e que em breve o pôs tórrido, passando então a ameaçar pelo fogo o que antes estivera na iminência de ser destruído pela água. Quedando pensativo e em desfalecida mudez, o velho admitiu que alguma coisa havia naquela terra cuja ciência escapava por completo à sua sabedoria.

– Ponham-se à escuta do silêncio! – aconselhou ele, com um grito de ódio mal disfarçado.

Ainda inquietos pela forma misteriosa como tinham desaparecido os almocreves, alguns homens tomaram a decisão de encetar uma forma de contacto com as populações do outro lado da Ilha. Com os produtos da terra, encheram de mantimentos uma carroça puxada por duas parelhas de cavalos e enviaram nela cinco voluntários, que chegaram a meio da serra e nela se perderam para sempre. Nas buscas então efectuadas, recuperaram a carroça e apenas um dos cavalos. Tudo o mais se sumira como se tivesse partido dali para o Além. Ao examinar o animal, o homem velho encheu-se de um terror mortal e disse:

– Todos mortos, todos mortos! A água permanece turva nos olhos do animal.

E as mulheres desataram a gritar, num pranto de luto e martírio.

Nesse momento, o velho encheu-se de suor e iniciou a imaginação da morte. Voltando-se na direcção do montanhês, esteve um tempo a observá-lo como quem decifra um mistério. O rosto encheu-se visivelmente da muda aflição das crianças, das mulheres e dos animais. Gritou de novo:

– Escutem o silêncio!

Assim o fizeram quantos o rodeavam. Tudo muito rápido. Quando compreenderam a rigorosa circunstância do silêncio, viram que o deus da serra se movia lá no alto, muito devagar, parecendo sair dali indo ao sabor da cordilheira insular. Corria por entre massas de nuvens, ou corriam as nuvens por ele, grossas, em rolos compactos, fundindo-se com a montanha em movimento. Pensando que as pessoas iam gritar de pavor, o velho disse ainda uma vez:

– Escutem o silêncio!

Abriu-se, com efeito, uma fenda no silêncio do mundo, porque as pessoas puderam ouvir um assobio prolongado, saído do meio do canavial. Parecia um uivo subterrâneo, semelhante ao som dos mortos acordados, o som dos seus passos perdidos e em peregrinação pelo mundo, com o ninho da própria morte às costas.

Assim que um sopro de aço passou rasando as sebes de picaratos, os quintais, os baixos muros traseiros, os galhos das figueiras adormecidas na sombra, irrompeu um ruído de pássaros à distância, em tudo parecido com o grito de uma baleia em agonia – o grito de morte de uma baleia submersa. Um cão ganiu primeiro que todos os demais.

– Escutem o silêncio!,

repetiu o velho, sempre impaciente, desta vez num tom de quem estivesse já a admoestar não gente adulta, mas crianças. A seguir ao uivo do cão, as vacas mugiram nas manjedouras. Galinhas cegas desataram a esvoaçar à toa, indo embater contra paredes que antes pareciam invisíveis. Levantou voo, num grasnido de desvario e batendo muito as asas, um bando de morcegos. Os ratos emergiram do fundo da terra. Eram miúdos, numerosos, e luziam como aço na penumbra do interior das casas. Ao barulho que faziam na fuga, juntou-se o uivo da terra a abrir-se, a arregar-se no seu próprio fermento. Juntaram-se-lhe os rugidos do mar, as vozes das pessoas e os uivos dos animais. O rumor do mar foi crescendo em vigor e grossura. Aproximou-se tanto do Rozário que a freguesia pareceu flutuar, também ela, à tona da água. Viam-se serpentes e moreias de olhos ofídicos, navalhas e cavalos pálidos, nesse mar encrespado cujos deuses, viajando de tridente na mão, voltavam-no de ventre para cima, galopando no sentido em que ia o vento. O velho dizia ainda:

– Escutem o silêncio!,

mas já não havia ninguém para o escutar e para lhe obedecer, pois dera-se início ao desabamento do mundo. Daí a instantes, o mar abriu-se em dois. A poderosa e perpétua terra da Ilha estremeceu numa primeira convulsão vulcânica, depois numa segunda, e numa terceira, até se rasgar à superfície visível e parecer fracturar-se toda por dentro.

Caíram as primeiras casas. Torciam-se no ar como bocas paralisadas pelo terror, rachavam, abriam-se ao meio e depois vibravam, tombadas no chão, até à morte. Todos os seres vivos, tais como os bois, as cabras, os cães e os ratos, andavam à solta, levando consigo, para parte nenhuma, uma tão furiosa loucura que excluía toda e qualquer sombra de alegria. As casas continuavam a morrer. Morriam torcendo-se no ar, em agonia, antes de caírem de vez no chão, e o velho sábio, olhando pela última vez o deus

da montanha, que circulava ainda entre as nuvens, estendeu os braços – mas já não pôde abraçar os escombros da sua casa; abraçou a morte.

No dia seguinte, quando recolhiam os mortos para lhes dar sepultura, notaram que o velho conservava a boca muito aberta e a língua ainda enrolada no seu grito de alerta. As gengivas começavam a ser devoradas pelos caranguejos, essas tarântulas do mar. Como não havia cemitério, decidiram enterrar os mortos na orla de uma mata, à sombra das mesmas árvores onde faziam ninho as almas que haviam partido e não encontravam paz nem descanso no outro mundo. Visto não haver nenhum padre daquele lado da Ilha, as pessoas limitaram-se a rezar em coro, fazendo um esforço para recordar as suas orações de outrora. Trataram também de homenagear cada defunto com a sua frase preferida.

– Este aqui – disse alguém, referindo-se ao velho que não abraçara a casa, mas a morte – ouvia tudo no escuro. Diz-se que escutava o silêncio do mundo.

VISTO DO ALTO DA ESTRADA VELHA,  
O ROZÁRIO HAVIA-SE JÁ TRANSFORMADO NUMA  
COLMEIA HUMANA DE CINCO RUAS, COM UM RAMAL

e mais o bairro do Burguete, e estava sendo comandada pelo génio nervoso e austero daquele que viria a ser designado por Padre Velho. Chamava-se Manuel Governo. Viera destacado pela Diocese de Angra do Heroísmo, com a missão de restaurar o conhecimento perdido das Sagradas Escrituras, e mais ainda a humildade e a fé nas esperanças do Céu. Chegara na flor da idade, de polainas e com um gabão de estamena muito cerzida, tendo por companhia um asno semicego e algo cadavérico. Dois malotes de ripas, equilibrados por cordas de taniça, afogavam o animal num entrelaçado de nós e laçadas. Num dos malotes, viajavam os livros escritos e inspirados pelo saber de Deus, assim como as ceroulas, as camisas e uma única batina; no outro, os instrumentos litúrgicos e os paramentos eclesiásticos.

Nessa altura, padre Governo era apenas um pobre, de uma pobreza ainda passiva, com uns olhos cor de tabaco e um porte de seminarista que se resignara tanto à pobreza como à miséria humana do tempo e do mundo. Instalaram-no, contudo, na

melhor casa do Rozário, ali mesmo à ilharga da igreja ou do que dela então existisse até vir a ser restaurada, e acolheram-no com a urbanidade indispensável a um novo dignitário da fé de Roma. Passou dois dias a receber visitas e a agradecer os cuidados e serviços das mulheres mais idosas, que disputavam entre si a oportunidade de venerar, na pessoa daquele jovem clérigo, o próprio génio de Cristo. Lavaram-lhe os sobrados com petróleo e sabão, fizeram uma barrela com as roupas e os paramentos e deram-lhe a comer uma panela de feijão assado no forno com talhadas de abóbora doce. Além disso, como as comovesse a ingloria inocência, a timidez, o sorriso doce e desvanecido do seminarista – mas cuja fealdade assustava as crianças, embora as apaziguasse a elas –, as mesmas mulheres trataram de lhe talhar novos pares de ceoulas e camisas de bom pano, além de prometerem quotizar-se para adquirir alguns metros de fazenda preta e costurar-lhe uma nova batina.

– O senhor, senhor padre, está entre gente pobrinha – disseram –, mas gente que se preza da sua cara lavada e dos seus remendos.

– Ora, ora, minhas irmãs – respondeu ele, corando de pudor –, pois não nos ensinou Cristo que a nossa religião é dos pobres, como os pobres são d’Ele? Ora pois então aí está!

As mulheres convenceram os maridos, incluindo os mais avessos a padres, a fazer serão, a fim de recuperar a casa para um estado de dignidade mais compatível com um hóspede de Deus. Os carpinteiros engonçaram a enorme cama de criptoméria, as cadeiras austeras e outros móveis partidos ou desconjuntados. Vieram pedreiros cimentar o lar e o chão da cozinha e substituir a talha dos lavatórios rachados. Um bando de mulheres pôs-se a vassourar as teias de aranha, as lascas de pó já enlameado pela humidade e os excrementos ressequidos dos ratos, além de esfregarem paredes, vidros de janelas e umbrais de portas. Os homens

espantaram os morcegos e os ratos e encarregaram-se de afastar dali as sombras agourentas de uma casa há muito deserta e à mercê de todos os vândalos. Finalmente, ao colocar um crucifixo em cada divisão, supuseram ter expulsado de vez os espíritos de Lúcifer, os anjos negros da circuncisão e as feiticeiras cujos ninhos ensombrevam a alma daquela casa.

Agora, respirava-se um cheiro higiénico, a água e sabão, e o hálito das paredes perdera o mofo da humidade. Então, padre Governo resolveu dar uma volta pela freguesia. Foi de porta em porta de visita aos enfermos, distribuiu carícias e guloseimas pelas crianças que mais estranhavam à sua presença e fez questão de ouvir os conselhos sábios dos velhos atinados e esquivos daquele lado norte da Ilha. Falaram-lhe da liturgia da terra, das sementeiras e das colheitas, dos seus deuses montanheses e marinhos, e aconselharam-no a benzer a sua nova casa com a água do cedro fervida em fogo de incenso, de forma a dela afugentar os males demoníacos da noite. Porque uma vez, disseram, um deles fora lá à procura de uns barrotes e dera de caras com uma dama muito gorda, uma senhora cor de malva e com pés de cabra. Outra vez, pessoas das casas mais próximas ouviram gritos de desespero e foram ver o que lá se passava. Viram o chão da casa inundado de sangue. O Demónio fizera ali a circuncisão dos anjos negros. De modo que um dos velhos disse: Aquilo é uma colmeia de almas do outro mundo, padre Governo. E um outro acrescentou: Zuname como as abelhas na idade do cio. E, vendo o olhar incrédulo do padre abrir-se de espanto e o rosto iluminar-se num sorriso céptico, o primeiro velho tomou um ar de pessoa ofendida na sua sinceridade e asseverou-lhe que não se tratava de nenhuma fábula, nem de credices tolas do povo, mas sim de factos devidamente comprovados por toda a freguesia.

– O senhor, senhor padre, saberá como expulsar o Diabo do corpo dos possessos. Mas nunca deixe de reforçar o seu latim

com uma boa porção de amoníaco. Desempesta a alma, até dos cristãos mais distraídos.

De modo que padre Governo, descoroçoado, depressa concluiu que o tinham enviado não para uma paróquia, mas para o seio dos homens mais primitivos da terra. Tão primitivos eram que até as coisas mais óbvias e comprovadamente verdadeiras ali pareciam distorcidas da sua realidade.

Já ninguém, de resto, se recordava de quem fora nem o que fizera o seu antecessor. Quanto à velha igreja centenária, eis que jazia, esquecida e inútil, entre redes de teias de aranha. O reboco das paredes desfizera-se em barro, por acção da humidade. Por isso, a sua primeira acção consistiu em tudo fazer por ganhar a confiança e a dedicação do povo. O sentido da prudência obrigou-o, porém, a rodear o assunto das maiores cautelas, primeiro através de simples sugestões, depois utilizando o argumento de que um povo sem uma igreja digna desse nome não podia sonhar com nenhuma forma de progresso e de civilização. Era preciso, em suma, meus irmãos muito amados, restaurar o templo, apressar o regresso de Deus e da Senhora nossa Padroeira ao culto do Rozário da Achadinha, pois então! Venceu as últimas reticências lançando a ideia de um peditório para recolha de fundos. Para os trabalhos, contava ele, claro está, com a mão-de-obra da população, que não iria certamente voltar as costas à tão nobre missão do restauro. Quanto ao resto, isto é, a encomenda e a compra do que ali faltava, isso a seu tempo se veria.

– Mas sempre há-de ser preciso adquirir materiais exóticos, desde a madeira ebúrnea ao cimento branco, passando por cantarias e vitrais. Sem esquecer os moldes do gesso e as formas para o restauro da talha partida. E para tudo isso é preciso dinheiro, meus irmãos, muito dinheiro. O dinheiro da vossa fé e da vossa generosidade – atalhou ele, sem mais rodeios nem mais artifícios de linguagem.

Necessitaram de meses de trabalho e suor para vedar as nascentes da humidade, raspar o bolor e o azebre das fendas, mondar as ervas, expulsar as crias das ratazanas dos seus ninhos subterrâneos e substituir o reboco das paredes e o forro dos tectos. O verdete inundara a cal e começara a devorar a própria pedra, ao passo que os grosseiros azulejos dos oragos e altares, esbeçados nas arestas, caíam aos pedaços, mordidos pela estranha lepra do tempo e do longo abandono. Caçados os murganhos, destruídos os seus intermináveis ninheiros, ocultos nas grandes rachas e fissuras, procedeu-se à substituição dos sobrados e das bancadas apodrecidas. Altares decrépitos receberam barrotes provisórios, para não ruírem; o púlpito foi escorado e as talhas tiveram de ser raspadas do musgo que se pegava aos dedos, de tal maneira o templo se apresentava em estado de decrepitude. Um dia, pondo-se a farejar as naves e outros suportes da nova morada de Deus, o padre Governo pôde dar-se por satisfeito: o cheiro a podre desaparecera. Em seu lugar, alastrava agora um odor à seiva das madeiras e ao linho cru que cobria o altar. Faltava apenas, comentou ele, escolher um acólito e iniciar de imediato o trabalho religioso.

– Com faro de sacristão, tem o senhor o Calheta – aconselham, por entre risos de escárnio e de paródia, os homens a quem o padre expusera a sua ideia. – Teve um dia a paixão dos padres e quis ir para o seminário: não vai certamente recusar-se a acolitá-lo.

A primeira missa teve lugar no mês de Abril, num domingo chuvoso, dia em que o povo foi acordado pelo alegre e festivo repicar dos sinos do Rozário. Abrindo portas e janelas, as pessoas deram-se conta de que não só ouviam esse anúncio de festa, como o recebiam em sintonia com o bater comovido do coração, convencidas de que vinha aí um segundo tempo de regresso à ordem e à palavra de Deus. Estavam prontas, também, a assistir

a uma reconciliação entre homens desavindos que há muito tinham deixado de se falar. Com efeito, ao fim de tantos anos de querelas e ódios absurdos, olharam uns para os outros, envergonhados, e saudaram-se. Depois, mal o padre saiu paramentado da sacristia – seguido pelo Calheta trajado por uma opa vermelha que lhe caía até aos pés – e se dirigiu ao altar, brotaram lágrimas esquivas de muitos olhos. Foi tão séria a comoção que algumas mulheres não resistiram ao desmaio. Elas, que tinham cerzido com toda a paixão as vestes puídas do sacerdote, julgavam estar a respirar, no cheiro da naftalina, o maremoto da presença de Deus.

Como tivessem esquecido por completo os segredos do santo ofício da missa, as pessoas pediram, em coro, ao padre que lhes recordasse os santos ritos da liturgia, antes de se iniciar a celebração do sacrifício. Então, aconteceu o primeiro de muitos mistérios sem explicação que ainda viriam a ocorrer naquela terra da Ilha. O caso é que, à medida que o sacerdote oficiava, as pessoas puderam responder-lhe, todas à uma, sem a mínima hesitação, com as frases balbuciadas na perfeição, não obstante serem em língua latina:

– *In nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti. Amen. Introibo ad altare Dei.*

– *Ad Deum qui laetificat juventutem meam.*

Surpreendidas, espantadas, as pessoas olharam umas para as outras e não souberam explicar a origem nem a razão de semelhante fenómeno. Só podiam atribuí-lo à inspiração divina, porquanto tinham passado muitos anos de esquecimento sobre tais ritos, mas era evidente que tudo isso estava ainda em suspensão e entranhado na sua memória. O próprio sacristão, sendo analfabeto, com uma irrecuperável fama de tolo para toda e qualquer função, não se enganou uma única vez no manejo dos instrumentos litúrgicos. E encarreirou com o latim como se fosse um

erudito. Havia mesmo qualquer coisa de sábio no seu modo grave e pausado de pronunciar o *Kyrie eléison!*, *Christe, eléison!* A voz tinha o calor tórrido dos poetas líricos, além da sabedoria macia dos patriarcas. Recebeu, por isso, no final da missa, o compenetrado aperto de mão dos notáveis do Rozário, enquanto as mulheres murmuravam entre si:

– Então é bem verdade que aquela tristeza de homem sempre havia de dar um bom padre!

A segunda surpresa veio das inocentes crianças, quando teve início a catequese. Não souberam dizer quem lhes ensinara as provas da existência de Deus, nem os mandamentos da Sua Lei; mas padre Governo, abismado e abrindo muito a boca, ouvia-as discorrer perante si, como se desde sempre tivessem sido objecto de ensinamento. Ferveu-lhe na boca um sorriso, a bem dizer demoníaco, pois uma tal euforia ou provinha de algum prodígio que lhes tivesse iluminado as mentes, ou só podia ser arte do anjo negro que ainda não fora expulso da alma das crianças por baptizar.

Daí a muito tempo, indo ele já nos seus oitenta e oito anos, recordava esse dia e fazia o balanço final da sua existência terrena. Nunca mais aquilo se repetira no Rozário. Ao preparar-se para morrer, pediu a Deus que se lembrasse dele para a Sua paz definitiva, porquanto deixava atrás de si obra de muito ensinamento e algum progresso no seio do seu povo. No proveito que dessa obra lhe coubesse, podia ver-se o presbitério transformado numa casa de dois pisos, com janelas e varandas em torno de todo o edifício, e uma riqueza estimada em mais de sessenta alqueires das melhores terras, das quais havia de fazer testamento a uns incógnitos sobrinhos de Lisboa. Não obstante, quando sobreveio a madrugada da sua morte, os velhos do tempo dele pouco ou nada sabiam a respeito do seu pároco. Ele jazia de boca muito aberta, com o ventre tão inchado como um balão de circo,

e as orelhas ensurdecidas, mas sempre tão sôfregas dos sons do mundo, tinham-lhe crescido tanto como as de um asno. O cadáver apresentava uma tal fealdade que ninguém teve coragem de o amortilhar. A morte amadurecera longamente naquele corpo. Pelo fedor que o corpo exalava, pensou-se que começara a desfazer-se no mesmo instante em que falharam a respiração e os batimentos cardíacos.

– Morreu antes da morte, pois já estava apodrecido em vida – disse com ódio João-Lázaro, o profeta, logo após a ressurreição, no dia em que, à frente dos cavadores da terra, chegou ao adro, pediu um minuto de silêncio ao povo e proclamou uma revolução na freguesia.

A vida decorria ainda entre o enxadar das terras ocupadas desde o povoamento e o desbaste das matas em volta. As partes altas da Ilha davam aos pobres a primeira noção do que poderia ser uma propriedade comum e em nome de ninguém. Tratava-se da única área baldia do Rozário, sobre a qual ninguém ousara reclamar qualquer direito de posse. De sorte que, todos os anos, do mês de Março em diante, subiam homens ao Mato do Povo com as suas reses e aí as enxotavam com o braço, deixando-as livres de amarras e das manjedouras que as retinham à abrigada, no Inverno. Eles regressavam lá de cima com uma estranha sensação de leveza nas pernas fatigadas de subir a serra. A paz existia sem se dar por isso. Em Setembro, antes dos primeiros ciclones, subiam de novo à montanha em cata do gado disperso e constatavam que os animais, não obstante os meses decorridos, não tinham perdido o conhecimento da voz dos donos, pois respondiam de longe aos seus brados de chamamento, até serem localizados. O encontro com a alegria era isso mesmo: os homens choravam de emoção e os bois corriam para eles e manifestavam-se em grande júbilo. Farejavam-lhes as mãos e logo desatavam a correr em volta, aos coices no ar. As vozes humanas vibravam por cima

da Ilha, como se estivessem anunciando ao mundo o fim de todas as solidões. Apresentavam sempre a gordura sólida e o pêlo luzidio daquela forma de saúde que se inspirava na abundância sem limites. Por vezes, os touros cobriam as fêmeas com a sua portentosa virilidade, mas recebiam, logo a seguir, o destino do matadouro, após o arrolamento. Outras vezes, eram capados, tal como os machos e os cavalos, às mãos terríveis de Cadete, que lhes esmagava os testículos cor de sangue e depois os deixava estrangulados durante meses com um atilho de estopa. Ora, as obscuras artes de Cadete consistiam não apenas na sua diversidade, mas sobretudo no modo eficaz como resolvia as tarefas mais sinistras: desbastava a escopro os cascos dos cavalos antes de os ferrar à martelada; sangrou e estripou porcos por altura da peste suína que assolou a região; deslindava, sempre num rufo, os partos mais enigmáticos das éguas e das gueixas, e tinha rigorosamente a ciência nova e infinita de quem escondia no silêncio a própria surpresa alheia. Os insólitos sucessos das suas práticas nos animais acabariam por levá-lo a curandar pessoas, a partir do dia em que pôde concluir pela possibilidade de acabar nos humanos as vastas experiências por ele colhidas no foro animal.

– É só uma questão de abstrairmos do género e da espécie – filosofou ele, um dia. – O corpo humano é feito das mesmas matérias, rege-se por mecanismos idênticos aos dos animais, alimenta-se dos mesmos males e conflitos carniais.

Fechou a sua oficina de ferreiro, no início da estrada nova, e montou aí um tosco consultório, após ter trocado duas mulas alfeiras pela bola perpétua do peregrino Bárbaro. Dizia Bárbaro ter recebido a referida bola directamente das mãos de um eremita do Tibete, o santo frade Apanaguião. Consumado o negócio da troca, Cadete passou a receber em sua casa, agora convertida em consultório humano, reumatismos, hemoptises, lombalgias, estômagos ácidos, fracturas, entorses e espondiloses e todas as

imagináveis doenças que um povoado pode absorver. A experimentação das ervas e dos emplastros foi mesmo decisiva, pois produziu não só o sucesso da cura como o segredo de eliminar a dor. De sorte que em breve passaram a levar-lhe também outras obscuras formas de morrer, tais como as desconhecidas enfermidades das mulheres e das crianças, as epilepsias, a tuberculose juvenil e um infinito rol de maleitas, malas-artes, morrinhas, mataduras e matações. Passaram a procurá-lo os que queriam filhos e os que, saturados deles, desejavam a inibição procriadora. Mais tarde, até os possessos do Diabo e todos quantos, não se sabendo dele possuídos, suspeitavam em si a influência dos seus esconsos e malignos poderes. Daí até reconhecerem no curador Cadete a iluminação e o prodígio dos anjos de Deus, pouco tardou.

Mas uma vez o Cadete foi vencido na eficácia das suas práticas, ao tentar a castração do cavalo mais bravo que jamais pisou aquela terra – o alazão trigueiro dos Maias do Burguete. Desaurido com as dores, o animal pôs-se a gemer, de olhos vítreos, depois espumou de raiva e, logo a seguir, num derradeiro sopro de desespero, escoicinhou tanto que levou ao chão aquela espécie de armadilha, feita de torniquetes, tenazes invisíveis, cordas de laçada, puas monstruosas e cavaletes de tortura, cuja sólida estrutura não foi suficiente para resistir à fúria do animal. Foi-se logo a ele com os dentes e levantou-o pela cova-do-ladrão. Só despegou o corpo, já ensanguentado, quando João Maia, o dono, lhe apontou uma corrente à testa larga, vazando-lhe um olho. Depois, o cavalo andou em roda, desferindo coices e mais coices, e círculos de lume riscaram vertiginosamente o ar. De repente, parou a tremer: viram-no mastigar ruidosamente os cabelos do curador. Os outros pensaram:

– Cá está! Ele devora o pior dos seus inimigos. Devora a maldade e o espírito maligno do Homem: o grande predador dos animais.

Cadete perdeu, logo ali, metade do couro cabeludo, do alto da nuca até ao pescoço. A cabeça converteu-se numa superfície pastosa, negra de sangue. Coisa bem ruim de mirar. Contorcia-se no chão como se o tivessem envenenado. Esteve três dias sem dar acordo de si, não propriamente entre a vida e a morte, mas dizem que em estado de metamorfose. Ministrou a si próprio um tratamento medicinal de ervas xaroposas e amargas, sofreu os parches da água-moura, provou a singular esponja do fel-de-boi, o sorvo caprichoso das sanguessugas, os sinapismos; bebeu as misturas mortas das essências de fígado destilado e andou por ali que tempos amarelo e verde dos exsudados da bÍlis. Ao cabo de tantas experiências, tinha convencido as pessoas quanto ao mérito das suas receitas e considerava-se um crente feliz, por poder exhibir perante elas a prova viva da cura no seu corpo. Sobre o couro cabeludo que fora subtraído pela dentada do cavalo, formara-se uma superfície encodoada, da qual o curador ia extraindo folhas de gelatina que despertavam o asco nuns e a lástima de uma lágrima naqueles que jamais esqueceriam os milagres e prodígios da sua medicina. Todos notaram que a convalescença, apesar de prolongada, revelou-se a todos os títulos benéfica, porquanto lhe possibilitou uma dupla revolução, na alma e no corpo. Ele, que nunca passara de uma ave descarnada, apresentava agora um conjunto protuberante, do qual progredia, elevando-se, uma pança de proboscídeo.

Sem ter dado por isso, passara à condição de um gordo, com os seus modos vagarosos e enfadados, os suores sempre em destilação nas carnes moles e com um rosto porcino, no qual se afirmavam dois olhos vivos e ao mesmo tempo gelados como a morte. E havia de dizer-se, durante muitos anos, à porta do seu consultório, nas longas, pacientes e repetidas esperas da cura, que a pele, até então esverdeada, azulara consideravelmente, como se agora a iluminasse uma discreta fosforescência. Esse aspecto

vagamente baço e luminoso, de um brilho metálico, acabou por conferir-lhe uma aparência sobrenatural – o que veio também em socorro da glória crescente da sua medicina. De todas as partes da Ilha, da longínqua Cidade, das vilas, dos mais remotos lugares do norte e do sul, afluía gente que decidira confiar-lhe a sua desilusão dos boticários, curandeiros, bruxos, médicos e outros virtuosos. Vinham a pé, através de atalhos, como se fossem peregrinos, ou amarrados a padiolas e estendidos ao comprido no chão das carroças. Formavam bicha à porta do consultório, esperando a misericórdia das suas mãos e o fulgor do seu olhar. Quando levadas à sua presença, o espírito estremecia, porquanto a solenidade de Cadete infundia medo e respeito ao próprio Deus. Da parte de trás, ele era a morte, pois a nuca descarnada assemelhava-se à folha de um pergaminho mortal; na parte da frente do rosto azul de metal, ardiam e gelavam, segundo os casos, esses dois olhos de pássaro esquivo, habituado a olhar para além das pessoas e dos objectos.

No dia em que foi proclamado santo da sabedoria, conta-se que o Cadete iniciara a cura à distância: quem não pudesse ali vir para ser socorrido na sua presença, invocava o seu santo nome – nunca em vão – e recebia dele a graça que tudo sarava e que a todos confortava na alma. Ao fazer a sua proclamação revolucionária à Ilha, João-Lázaro lograra iluminar o segredo da morte dele com uma frase frouxa e até eufemística, porém suficientemente lapidar no modo como definiu a sua passagem por este tristonho mundo:

– Quanto ao curador Cadete, não logrou superar as contradições da sua dialéctica ideológica. Nunca passou de um mixordeiro, ao longo de toda a vida. Mixordou até a sua própria morte. E morreu perfeitamente como um herói: enforcando-se e esperneando dependurado de uma trave.

\*

Ora, nesse tempo, o Rozário não era mais do que um lugar da Bíblia onde a morte cumpria as suas profecias capitais. Veio, sabe-se lá de onde, uma arrasadora vaga de gafanhotos vermelhos, que mais parecia uma nuvem de fogo a derramar-se pelo ar. Viajando de oeste, em direcção ao continente europeu, chegou à Ilha, devorou as searas e os frutos e queimou a paisagem do litoral.

– São seres medonhos como o fogo – disse padre Governo no sermão do domingo imediato, ao tentar consolar os primeiros pobres a declarar-se vítimas da praga. – Seres vorazes, com a boca do Apocalipse e o ventre insaciado da gula! Como aqueles cristãos insaciáveis de bens terrenos, em cuja vontade o pecado sedento se oculta para devorar o seu e o alheio, até à completa destruição do mundo.

Durante três dias, a população andou pelos campos a fustigar a praga com alguns pés de tremço emolhados nas mãos, as mulheres de um lado, com o rosto coberto pelos xailes da sua viuvez imaginária, os cavadores do outro, todos a oito, muito derreados dos rins e lavados em suor. Mas, não obstante a prodigiosa força dos cavadores e das mulheres, os gafanhotos deixaram para trás a paisagem devorada e sem vida. Muita gente regressou à miséria, a pecaminosa e grosseira miséria dos campos do mundo. A voz da heresia foi-se erguendo aos poucos do chão e olhou em volta. Era uma voz sofrida, entre grãos de ódio e sons de revolta, uma voz da cor da terra que assim dizia:

– Isto só pode ser coisa dos Americanos! Dizem que os Americanos são uma espécie animal que devora os outros países, mesmo à distância.

Padre Governo entendeu que não, muito pelo contrário, eles que se resignassem e permanecessem humildes de fé, coração e

coragem. E exortou-os a que louvassem a Deus pelo facto de tão estranhos bichos terem poupado, na sua fome mortal, os canaviais, as vinhas, os tremoçais, as árvores e a própria pedra. Uns concordaram com ele, outros puseram a correr uma blasfémia contra o padre e, de forma indirecta, contra Deus e contra todos os padres do mundo:

– Se foi para isto que o bispo o enviou, bem podia dispensar-se do incómodo. Os pobres não precisam de uma religião assim. E gente pegada do miolo, tem-na por aí a freguesia aos picos e aos montes!

Depois dos gafanhotos, vieram os ciclos da fome, os terramotos da Quaresma e as epidemias da febre entre os animais. De cada vez que os ratos saíam em revoada dos seus buracos e vinham morrer esticados, cá fora, ou atacavam as pessoas como feras, todo o Rozário se apavorava, porque os ratos só anunciavam a doença e a morte. Havia-os vermelhos e amarelos, uns miúdos no tamanho e no gesto, outros, mais parecidos com lebres esfo-meadas, tinham as patas espalmadas pelo peso do corpo, e de forma tão aguçada como as garras do milhafre ou de outra qualquer ave igualmente sanguinária. De novo o padre aproveitou a missa do domingo para atacar, com intenção profiláctica, os vícios e as tentações heréticas dos seus paroquianos:

– Aí tendes vós a civilização dos ratos. A vossa civilização dos ratos. Como não guardais o tempo pelos seus sinais? Cuidareis atempadamente, irmãos, da vossa eterna salvação se vos recordardes da prova do fogo, da terra, da água e dos animais assanhados pela cólera. Senão, que outras provas há-de Deus enviar-vos para que n’Ele devais depositar a vossa fé?

Já não era o tímido seminarista de sorriso desvanecido; assumira em definitivo a forma física e o jeito de qualquer prelado morno e sanguíneo, e o pescoço enchera-se-lhe de dobras como o cachaço dos bois. Tinham-lhe nascido pêlos nos ouvidos, nas

fossas nasais e nos nós dos dedos, sinal de que aquele corpo vencera renhidamente os impulsos da puberdade. Vendo o seu aspecto, ouvindo as suas opiniões, acentuava-se a divisão do povo, embora o padre descobrisse sempre outras copiosas maneiras de actuar sobre os túbios. Assim, por cada nova desgraça, ele colhia frutos a dobrar, porque ensinava sempre às pessoas a necessidade de desagrar a ira do Céu. Mas como? Ora, ora, pelo merecimento evangélico, dizia; colhendo e acolhendo fundo a filosofia das bem-aventuranças eternas. Porque pobres eram os pobres, mas deles seria o reino que não é deste mundo. Contra tão tendenciosa forma de aceitação iraram-se os homens que não professavam nenhuma fé nem qualquer religião. Logo a seguir, declararam-se como tal os seus primeiros e mais aguerridos inimigos.

Veze sem conta, foram os ventos destruindo os milhos, como já a geada e o bicho da alforra queimara as hortas e os pomares – e outras tantas os homens voltaram o rosto na direcção do norte. Era assim a coragem, pensavam. Por cada grão de terra encarado pela chuva se dizia: *a terra é uma criança inocente desprotegida, temos de pegar-lhe ao colo e amá-la como às nossas mãos*. No Inverno seguinte, os cavadores deixaram-na em repouso. Refugiaram-se nas arribanas das reses e iniciaram a invenção das artes, de algumas grosseiras ferramentas de carpinta, dos curtumes e das edificações de pedra e cimento. A indústria dos tamoeiros, os artífices dos timões de arado, a prensa das uvas, a roda dentada, o fole de ferreiro de Cadete, a precisão dos vimes e a arcada certa dos tanoeiros, nasceram aí, como descobertas recentes que vinham juntar-se a outros instrumentos de trabalho, também inventados do nada para suprir a necessidade dos dias. Aconteceu então que um dos cavadores, de nome Feliciano, passou a dedicar-se exclusivamente às invenções. Ao princípio, coisas ingénuas, tais como trincos de madeira e trancas armadilhadas para as portas; depois,

o ferrolho corrediço de dois tempos, as dobradiças e a mola de empurrar e fechar as portas no trinco; depois, a janela de guilhotina, o alçapão para subir aos sótãos e a gamela para porcos e galinhas. A seguir, imaginou o barbilho para os bezerros e cabritos mamões e os arreios para as bestas. Como abegão que era, traçou de memória, no primeiro eixo de vinhático, uma forma de torre deitada com imitações de fuste e capitel – e trouxe ao seu serviço dois aprendizes tímidos, desajeitados e silenciosos. Quando começaram a assoberbá-lo com encomendas disparatadas, convenceu-se tanto do seu génio como do seu desespero; mandou então dizer que lhe largassem a porta com semelhantes miudezas, pois decidira passar a ocupar-se apenas da invenção de máquinas móveis para a agricultura. Chegou assim à construção do carro sincrónico, puxado por uma besta e provido de um jogo de pás alternadas, que servia para simultaneamente estrumar a terra e semear a beterraba e o milho, roçar silvados e ervaçais, e limpar os campos das conteiras e dos fetos selvagens. Bastava substituir as caixinhas furadas, através das quais escorriam o estrume e as sementes, por um complexo arranjo de tábuas que oscilavam na horizontal, afiadas como lâminas. Feliciano sentiu logo o sucesso estrondoso das suas descobertas. Porém, e como acontece com todos os génios criadores, também ele se encheu vivamente de desespero, embora não tivesse alterado nenhum dos seus hábitos de trabalho. Fechou-se no sótão a compor imagens de cartolina e a meditar na função das peças que iam saindo da sua imaginação, mais que do seu engenho prático. Porque ele não inventava as coisas a partir de dados reais, não; criava invenções em abstracto, só depois lhes associava um fim e uma utilidade. Já ele, aliás, projectava vir a deslumbrar o mundo com uma tal *Louriela*, a máquina para nada, quando de novo o desespero começou a miná-lo por dentro.

Não sabem o que é uma *Louriela*?